

A prática clínica e suas fronteiras com a cultura.

Relevância para treinamento.

Lic. Elisa Casaccia

Analista em treinamento

Associação Psicanalítica de Assunção

A cultura é um tecido social que engloba diferentes formas e expressões de uma determinada sociedade. Portanto, costumes, práticas, modos de ser e pensar, rituais, vestimentas, crenças, ideologias e normas de comportamento são alguns dos aspectos que nele se incluem.

A cultura latino-americana não possui um único discurso cultural. Tem vários. Isso é precisamente o que o caracteriza melhor. A esse respeito, digamos que as culturas da América Latina, em seu desenvolvimento contemporâneo, não expressam uma ordem - nem de nação, nem de classe, nem religiosa, nem de estado, nem de carisma, nem tradicional ou de qualquer outro tipo - mas antes refletem em sua organização, os processos de transformação contraditórios e heterogêneos de uma modernidade tardia.

Mas, o que é que nos une? Duas línguas de origem latina - espanhol e português - predominam, e uma de outra origem não latina: o inglês. Há uma fonte jurídica predominante - o Direito Romano -, uma intelectual: a cultura greco-latina e uma religião - a católica - cuja prática é comum entre nossos povos.

A cultura, então, zomba das fronteiras, gera vínculos e conflitos em áreas que nada têm a ver com limites geográficos. Mate, por exemplo, é uma bebida de origem Guaraní (indígena do Paraguai) que estendeu suas fronteiras para ocupar a Argentina, o Uruguai e boa parte do Brasil, ou seja, não só compartilhamos palavras, vozes, expressões, mas também numerosos costumes cumprem um papel semelhante, em vigor em vastos territórios, além das fronteiras.

A psicanálise e o estudo da cultura se conectam em níveis profundos, uma vez que cultura e psique estão sempre entrelaçados, embora sejam conceitualmente diferentes, já que o ser humano é um ser subjetivo imerso em uma cultura e que por meio dela pode refletir sobre si mesmo e em busca de novos significados.

Freud postula pela primeira vez a relação entre o ser humano e a cultura em Totem e tabu (1913), texto em que tenta explicar a origem da cultura humana como elo entre o complexo de Édipo e a pré-história da humanidade representada. originalmente por totemismo. Em 1915, com *Introdução ao narcisismo e Duelo e melancolia*, se introduzem conceitos como as relações entre o eu e o objeto, o ideal do eu e a relação entre o objeto e a pulsão, mostrando a importância do objeto na construção da subjetividade que é permeado por uma cultura. Então, na década de 1920, ele concentrou todos os seus esforços na aplicação dos princípios psicanalíticos à sociedade com três ensaios nos quais ele tenta desenvolver uma teoria da sociedade, religião e

cultura de acordo com suas teorias pulsionais: *Psicologia de Massa e análise do eu*, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na cultura*. Neste último, apresenta uma reflexão sobre a repressão imposta pela vida moderna e civilizada e a dificuldade de alcançar a felicidade nessas condições, ou seja, uma análise da posição do ser humano na cultura, um ser ambivalente em constante debate entre seus desejos internos e as imposições vindas de fora, por isso o sujeito tem que se preocupar com as demandas da sociedade, já que seus impulsos são reprimidos por ela. Mas a sociedade não é algo oposto ao ser humano, pelo contrário, é ele mesmo quem a cria, ao mesmo tempo que é influenciado e moldado por ela.

Portanto, a psicanálise é um método de interpretação dos fenômenos mais relevantes da cultura e com as ferramentas que ela nos dá podemos pensar e analisar os eventos que estão ocorrendo na sociedade. Assim como a produção cultural visa liberar nos indivíduos as tensões que seus desejos criam neles, buscando alívio da insatisfação proporcionada pelo mundo externo, a psicanálise aplicada à cultura deve ser a busca de desejos insatisfeitos ou ocultos.

Por outro lado, podemos ver a psicanálise como uma ferramenta cultural dinâmica, cujo método e objeto de estudo foi transformado graças ao impacto das mudanças culturais. Os quadros psicopatológicos que ajudaram Freud a construir a psicanálise teriam sofrido mudanças graças às exigências que a pós-modernidade impõe aos indivíduos. O imperativo do gozo ilimitado, aliado ao individualismo atual, gera novas formas de constituição subjetiva e, portanto, novas formas de sofrimento. Os chamados estados limites aparecem no horizonte, desafiando a psicanálise a se atualizar e responder ao horizonte de seu tempo, pois está intimamente relacionado com o contexto envolvente.

Continuando com o espírito psicanalítico, gostaria de considerar três pontos sobre a cultura: A) Todas as culturas são conhecidas de um determinado ponto de vista particular de cada um, portanto, as percepções sobre as culturas são parciais porque o olho não pode ver a si mesmo, então, se quisermos conhecer nossa cultura, devemos ter o contraste dos outros a fim de vê-la de uma perspectiva diferente. Devemos também estar abertos à percepção dos outros sobre nós mesmos e sobre nossa cultura, ou não receberemos o feedback de que precisamos e cairemos no etnocentrismo e na xenofobia. Devemos aceitar as diferenças como enriquecedoras e começar a conviver com elas. Para viver com eles. Esta integração deve acolher a diversidade cultural como uma contribuição positiva e enriquecedora: uma diversidade na qual, acima do direito à identidade, deve ser exaltado o direito à diferença. O direito de ser diferente, de ser outro. B) Todas as culturas são múltiplas, não monolíticas. Elas estão cheias de paradoxos e contradições, inconsistências internas. Sempre existiram pessoas multiculturais que, por sua experiência ou família de origem, mesclam culturas. C) A cultura se manifesta pelo prisma de um determinado indivíduo ou grupo. Sempre conheceremos uma cultura pela maneira idiossincrática com que ela se concretiza, no contexto do modo de ser de um determinado indivíduo ou grupo. Isso significa que não há cultura em seu estado puro, mas a cultura é a soma total de uma infinidade de maneiras individuais de viver uma cultura particular. Portanto, para concluir, a cultura pode ser uma forma de dividir o mundo psíquico, de determinar a quais características humanas pertencem e quais são rejeitadas ou não reconhecidas como próprias.

Deixando de lado pensamentos mais teóricos, gostaria de voltar ao cotidiano. Minha passagem pela OCAL me mostrou como o idioma tem sido, em algum momento, uma dificuldade de se sentir um na América Latina. O Brasil parecia ser um continente à parte e, além disso, por sermos mais países de língua espanhola, tudo que era transmitido até poucos anos atrás era feito preferencialmente apenas em espanhol, obrigando nossos colegas brasileiros a se adaptarem ao nosso idioma, e, por que não nós? eles? Embora seja verdade, é apenas um país, mas no qual estão 80% dos analistas em formação. Esta situação era tão estranha que a primeira coisa que decidimos fazer como diretiva foi que todas as comunicações fossem divulgadas, sem exceção, em espanhol e português, pois sem nos darmos conta tinha-se construído uma fronteira por causa da língua, para além de que todos estávamos aprendendo e compartilhando psicanálise.

Relativamente à minha experiência pessoal, estava refletindo que apesar do português não ser uma língua totalmente estranha para mim, porque o compreendo muito bem, em todas as atividades internacionais nas quais participei no início da minha formação, optei sempre por ouvir analistas de língua espanhola, então, será o idioma uma dificuldade para a integração da psicanálise e sua transmissão? Por outro lado, OCAL para mim foi um espaço de intercâmbio horizontal que contribuiu para o crescimento, desenvolvimento e enriquecimento da minha subjetividade, pois me deu a oportunidade de conhecer colegas de toda a América Latina, tanto nas suas experiências quanto em seus conhecimentos. As atividades que favoreceram este intercâmbio foram: A) Os triângulos virtuais, quatro deles realizados antes do congresso, no qual participaram diversos institutos de: do México, Argentina, Brasil, Venezuela, Equador e Colômbia apresentando trabalhos e, B) O projeto Queremos conhecê-los, na qual os representantes de cada instituto nos contaram sobre a vida e o movimento de seus institutos e o compartilhamos com todos.

Continuando com o aspecto da língua, mas agora não como barreira e do ponto de vista social, vou tomar o meu país como exemplo; No Paraguai temos duas línguas oficiais, guarani e espanhol, somos um país bilíngue, embora uma porcentagem muito baixa fale bem as duas línguas. Mas, além disso, como somos pessoas imersas na mesma cultura e história, conseguimos nos entender porque há um sujeito que quer ser ouvido e um sujeito que quer ouvir. São muitos os espaços de voluntariado em hospitais públicos, universidades e associações que são mantidos por meio da solidariedade e do compromisso dos psicanalistas com a comunidade. Também da minha Associação, consideramos formas de chegar às pessoas fora do consultório, realizando diversas atividades de divulgação da psicanálise e este ano em decorrência da pandemia pudemos realizar palestras virtuais a cada 3 semanas para todos os públicos de tal forma que tivessem um bom alcance e fossem úteis para a comunidade. Outro espaço disponibilizado pelos sócios e analistas na formação da Associação é o atendimento de algum paciente de baixa renda em consultório particular como uma contribuição para a sociedade, mas, poderia ser realizado um projeto com os mesmos parâmetros e abrangência em toda a América Latina?

Voltando ao modo virtual, de repente e cruzando todas as fronteiras do imaginável, 2020 nos surpreendeu com uma pandemia, e com ela nasceu um novo estilo de vida, o distanciamento social, o uso de máscaras, a lavagem das mãos, e também

novas formas de comunicação tanto no âmbito familiar como institucional. Quase imediatamente, tudo se tornou virtual; análises, fiscalizações, seminários, reuniões, entre outros, para podermos continuar a pensar na situação que vivíamos. Todo esse movimento também surpreendeu um pouco as restrições à API e as resistências pessoais, mas que outra opção sobrou? Essas restrições foram suspensas permanentemente ou é apenas por um tempo? Tive que ouvir colegas, analistas em formação, onde tudo estava suspenso nas suas sociedades por não aceitarem, no início, o modo virtual, mas depois tiveram que se adaptar à força. Talvez, esta situação nos obrigue a pensar em um novo contexto de transmissão da psicanálise, que sabemos ter suas limitações, mas também abre um mundo de possibilidades, respeitando, é claro, o quadro psicanalítico.

E por último, continuo com o institucional, tive a possibilidade de me internalizar com a cultura de várias sociedades latino-americanas, e cada uma tem uma posição diferente para o analista em formação, desde como chamá-lo até a forma de transmitir a psicanálise. Algumas sociedades ainda têm o analista em formação como futuro pensador e não como pensador presente, ou seja, o analista didático está absolutamente no lugar do suposto saber, desautorizando, em muitos momentos, o analista em formação, ao invés de ouvi-lo para aprender juntos. E assim que salvaguardamos a psicanálise? Pela minha experiência, como somos uma pequena associação, é muito diferente, a transmissão ocorre a partir do respeito das diferenças e do outro na sua singularidade. Existe assimetria, mas não cria tensão nem impede uma boa comunicação. Os analistas mais velhos são valorizados por sua experiência e conhecimento, mas também nos valorizam pelos novos pensamentos que apresentamos e criam um clima de discussão e crescimento contínuo para todos. Então, existe uma forma mais adequada de apreender a psicanálise? De virar psicanalista? Que fatores contribuiriam para poder se tornar um psicanalista?

Para concluir, deixo algumas últimas questões sobre as quais talvez todos possamos pensar; De que maneira a cultura pode favorecer ou desfavorecer a prática analítica? E, por outro lado, a transmissão da psicanálise pode ser afetada pelas mudanças culturais que ocorrem de uma geração a outra?

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”. (Paulo Freire, 1997,47)